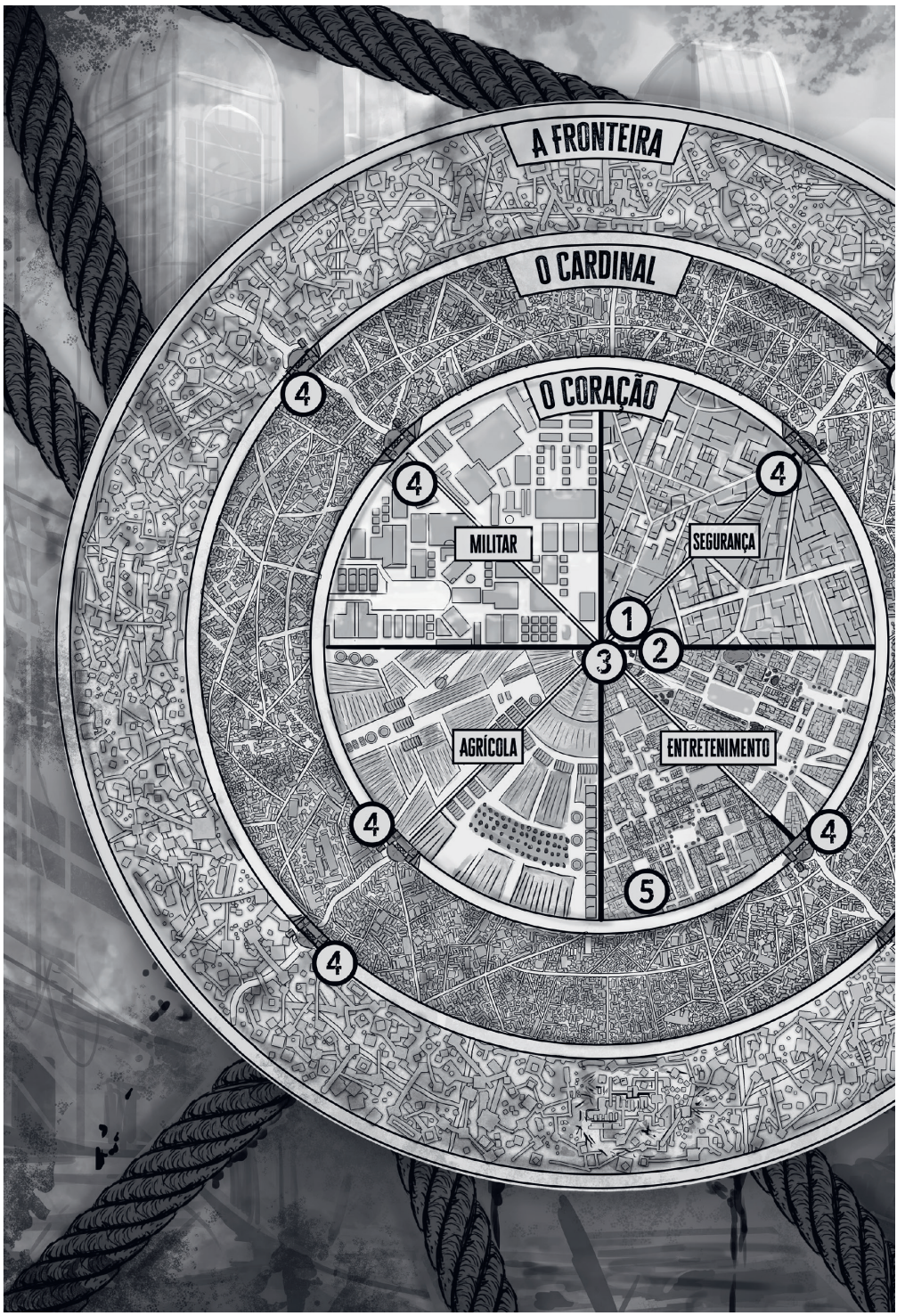
Para os meus leitores.
Para aqueles de nós que têm corações rebeldes, para as ovelhas negras,
para aqueles a quem foi dito que sentem demais ou de menos.
Para todos os que nunca sentiram que pertencem.
Bem-vindos a casa.


A FRONTEIRA
O CARDINAL
O CORAÇÃO
MILITAR
SEGURANÇA
AGRÍCOLA
ENTRETENIMENTO
1
2
3
4
4
4
4
4
4
5


NEW FOUND HAVEN
1
TORRE HAVEN
2
TORRE SEREL
3
PLATAFORMA DE EXECUÇÃO
4
POSTO DE CONTROLO
5
CLUBE THANE
6
WOLF'S HEAD
Wolfs Head
4
6
4

Nota da autora

Daggermouth é um romance distópico para adultos com temas pesados. Certifica-te de que lês atentamente cada um destes avisos de conteúdo.

- Morte;
- Assassínio;
- Tortura;
- Abuso emocional, psicológico e físico;
- Referências e conversas sobre agressão sexual (fora de cena/passado das personagens);
- Referências e conversas sobre abuso infantil (fora de cena/passado das personagens);
- Ideias suicidas;
- Sexo e atividades sexuais explícitas;
- Linguagem gráfica;
- Opressão, classismo e sexismo.

A tua saúde mental e o teu bem-estar não são só importantes, como devem SEMPRE vir em primeiro lugar. Se estiveres a lutar contra qualquer forma de abuso, ou se um ente querido estiver nessa situação, sabe que não estás sozinho e que há ajuda disponível.

És incrivelmente amado.

Entre os muitos recursos à tua disposição, destacam-se os seguintes:

- Linha de Informação às Vítimas de Violência Doméstica: 800 202 148.
- Linha de Prevenção do Suicídio e Apoio Psicológico: 1411

Ao sistema que pensou que nos poderia esmagar.
Que nos poderia silenciar e apagar.
Nós somos o poder.
Os nossos olhos estão abertos.

«Não há qualquer nobreza em sermos superiores aos outros;
a verdadeira nobreza está em sermos superiores ao que já fomos.»

Ernest Hemingway

CAPÍTULO UM
A misericórdia está morta

A primeira coisa que aprenderás em New Found Haven é que a misericórdia não existe. Demonstrar misericórdia é uma fraqueza, e a fraqueza mata.

A segunda coisa é esta: os Veyras estão sempre a observar. Desde o átrio de vidro mais alto do Coração até aos antros sem janelas da Fronteira, nenhum movimento passa despercebido.

A última lição é a mais difícil. Tens de te lembrar dela, tal como Greyson Serel faz agora, de pé, no centro da plataforma monolítica da praça, atrás de dois rebeldes amarrados e ajoelhados.

O amor fora do teu anel era uma sentença de morte.

O Coração era o lar da elite de New Found Haven, o um por cento, os ricos, e eles usavam máscaras para esconder o rosto.

A praça encheu-se lentamente com os residentes do Coração, vindos, não por acreditarem na justiça, mas pela proximidade, a proximidade ao *poder*. Para testemunhar o sofrimento, o resultado de impor esse poder sobre aqueles que consideravam inferiores. Pela satisfação de ver sangue derramado às custas de outros.

A elite amontoava-se, obedientemente silenciosa sob o céu do entardecer, enquanto a transmissão ao vivo ganhava vida contra a superfície espelhada das torres gémeas erguidas atrás de Greyson. As torres elevavam-se no meio do Coração, o ponto central de New Found Haven, de onde emanava toda a corrupção.

Um zumbido de energia encheu o ar, saturando todos os anéis da cidade, à medida que os painéis publicitários, que habitualmente vomitavam fluxos intermináveis de propaganda, mudavam para a transmissão

em direto. Em New Found Haven, a lei estipulava que qualquer pessoa que traísse o Coração seria executada publicamente.

A plataforma elevada onde Greyson se encontrava tinha sido construída exatamente no centro da praça, no ponto de cruzamento das quatro principais avenidas da cidade. Os dois rebeldes condenados estavam de joelhos, com as mãos amarradas com corda vermelha. Ao lado deles, numa formação compacta, os agentes Veyras apresentavam-se em trajes cerimoniais vermelhos, botas reluzentes e capacetes, segurando os bastões em ângulos retos precisos e com as armas presas às costas.

Greyson permaneceu imóvel, com a máscara a cobrir-lhe o rosto e as mãos enluvadas cruzadas sobre o seu uniforme militar de ónix. Não olhou nem para a esquerda nem para a direita, nem para os condenados, apenas para a frente, a observar, a vigiar.

A plataforma estava iluminada não só pelas lâmpadas orbitais do Coração, mas também pelo forte holofote azul dos drones da comunicação social que circulavam, as suas lentes a transmitir cada gesto e cada tremor dos rebeldes para o resto de New Found Haven.

Nos monitores espalhados pelos anéis Cardinal e Fronteira, o acontecimento era transmitido ao vivo com nitidez de alta-definição.

A atenção da multidão era absoluta. A elite mascarada olhava para os rebeldes, como flores mortíferas a banharem-se num sol envenenado, à espera de que a carnificina começasse.

Greyson deixou o silêncio fermentar.

Esperou até sentir o pulso nervoso da multidão sincronizar-se com a sua própria respiração, até que os dois de joelhos começaram a contorcer-se sob o peso da atenção. Só então deu um passo em frente, movendo os braços para trás das costas, enquanto o eco das suas botas se fazia ouvir no estrado de mármore.

Não leu o guião; não precisava.

O pai gravara-lhe as palavras à força na mente.

— Por crimes contra a pátria — começou Greyson, com a voz perfeitamente modulada —, e por violação das leis sagradas de New Found Haven, estes criminosos apresentam-se perante o julgamento do Coração.

Lançou um olhar à multidão. A máscara escondia os espasmos microscópicos do seu maxilar, a palidez dos seus lábios, mas não a ausência de emoção do seu olhar.

— Por ordem do Presidente Maximus Serel, a justiça será aplicada da forma mais adequada ao crime. *Morte.* As acusações são as seguintes: conspiração contra o Coração, comunicação ilegal entre os anéis, fornicação e amor entre fações.

Uma onda de aprovação ecoou pela multidão mascarada, como se uma liturgia tivesse sido concluída.

Greyson ergueu a mão, silenciando-os.

O homem era da Fronteira, o anel exterior da cidade. Um desconhecido, com o rosto marcado por queimaduras químicas das fábricas e subnutrição. As suas roupas tinham sido despojadas de todos os símbolos rebeldes. Fitava Greyson com a intensidade de alguém que já não tinha nada a perder.

A mulher ajoelhada ao seu lado era professora no Cardinal, o anel intermédio de New Found Haven. Era pequena e tremia, com as mãos marcadas por cicatrizes de queimaduras causadas pela proximidade das fábricas químicas do Cardinal, que transformavam até o ar em veneno. Mesmo ajoelhada, tentava manter a dignidade, com os lábios firmemente cerrados.

Greyson observou o casal e permitiu-se não sentir nada. Não acreditava na necessidade deste ato, mas enquanto ali permanecia, palavras da sua infância rasgavam-lhe o fundo da mente. Uma lição de biologia, uma história sobre lobos e abate seletivo, ensinada não na sala de aula, mas em casa, à noite, pela voz do seu pai: «Misericórdia é fraqueza, Grey. E a fraqueza é o fim de todas as coisas.»

Greyson afastou o pensamento.

— De acordo com a tradição — recomeçou —, os condenados têm direito a uma última declaração e a escolher o método pelo qual serão executados.

Voltou a atenção para o homem e para a mulher ajoelhados diante de si.

— Compreendem? — perguntou, baixando um pouco o tom de voz.

A mulher assentiu com a cabeça, passando a língua pelos lábios gretados, com o olhar fixo não em Greyson, mas algures à distância.

O homem cuspiu para a plataforma, por pouco não acertando nas botas de Greyson.

— Acaba logo com isto, escumalha Veyra.

Greyson admirava-o. Admirava o facto de, mesmo quando já não restava esperança, quando a maioria começaria a implorar pelas suas vidas, ele se mantivesse fiel ao que acreditava e aceitasse o seu destino. Por um momento, Greyson questionou-se se, em algum momento, caso estivesse na posição do rebelde, demonstraria a mesma determinação.

Virou-se para a mulher.

— O que preferes?

A voz dela era tão baixa que mal lhe chegou aos ouvidos, mas os drones captaram-na. Com apenas um segundo de atraso, a resposta ecoou áspera e alta pelos monitores:

— Bala.

O capitão Veyra, à esquerda de Greyson, registou a resposta no *tablet*.

Greyson voltou-se para o homem, aguardando a resposta.

— Vai-te foder — rosnou ele.

A mão de Greyson já estava a puxar a arma do coldre preso ao ombro assim que a última sílaba saiu dos lábios do homem. Ele não olhou para o rebelde, mas sim para a multidão. Encontrou o rosto da mãe, três filas atrás, impassível. Viu a silhueta da sua irmã a afastar-se da plataforma, quase impercetível por trás do anonimato da sua própria máscara.

Olhou para os olhos infinitos dos Veyras, o drone a pairar à sua frente ao nível dos olhos, enquanto apontava a arma à base do crânio do homem, e observou-o a ficar tenso, com o maxilar contraído.

Ele não implorou ao dar o seu último suspiro.

— Registado — disse Greyson. E puxou o gatilho.

O tiro soou abafado ao ar livre, mais como um estalo mecânico do que um estrondo de trovão, mas o efeito foi imediato. A cabeça do homem sacudiu-se para a frente, salpicando a plataforma de mármore branco e a mulher com uma névoa fina de sangue. Por um instante, o corpo permaneceu ajoelhado na posição vertical, ainda sustentado pela tensão

dos músculos. Depois, caiu de lado, com as mãos atadas e imobilizadas atrás das costas, como um animal no abate.

A multidão explodiu em aplausos, como se alguma satisfação primordial tivesse sido alcançada, enquanto o grito da mulher rasgava o ar numa agonia desenfreada. Ela curvou-se, com a cabeça pressionada contra o mármore, a soluçar entre os joelhos. Agora, suplicava para ser poupada, para continuar viva, num turbilhão de lamentos.

Implorando por uma misericórdia que não existia.

Greyson observou-a por um instante, depois por outro.

Sentiu uma náusea superficial a crescer-lhe na garganta e um tremor na mão esquerda ao apontar-lhe a arma à nuca.

A máscara escondia quase tudo, mas não a respiração.

O capitão inclinou o capacete, num sinal silencioso para que Greyson acabasse com ela. Ele acenou com a cabeça, engolindo em seco, enquanto apertava o dedo no gatilho, mas hesitou *novamente*.

Um tiro ecoou ao lado de Greyson no instante seguinte, e ele pestanejou enquanto o som vibrava nos seus ouvidos. O corpo da mulher caiu ao lado do amante, com sangue a jorrar do buraco na nuca. Lentamente, Greyson virou-se para o capitão, que já estava a guardar a sua própria arma.

Ele tinha hesitado, numa transmissão em direto.

Greyson olhou novamente para a multidão, à procura da máscara da sua mãe, mas ela já desaparecera, esgueirando-se por entre a euforia, a celebração do homicídio.

Será castigado por isto, sabia-o.

O filho do Presidente não devia hesitar.

Voltou o olhar para o corpo sem vida da mulher, enquanto enfiava a arma no coldre e endireitava os ombros, à espera de que a multidão se acalmasse. Quando os aplausos finalmente cessaram, Greyson aproximou-se da beira da plataforma.

— A ordem foi preservada pela mão célere da justiça — declarou, a sua voz a romper o silêncio que se seguiu à euforia. — O Coração prevalece.

Sem outro olhar para os rebeldes mortos, virou-se e desceu os degraus de mármore, agora manchados de vermelho. Os soldados Veyras

fecharam fileiras atrás dele, uma onda vermelha de autoridade, enquanto os trabalhadores começavam a remover os corpos e a higienizar a praça. Lá em cima, os drones continuavam a pairar, a filmar todos os ângulos.

Greyson conseguia sentir os olhares pousados nele, a analisar cada passo que dava ao afastar-se da plataforma. Devia ter sentido alguma coisa, devia ter sentido culpa ou vergonha. No entanto, naquele vazio profundo do estômago, Greyson só sentia frio.

Subiu sozinho no elevador para o septuagésimo oitavo andar da Torre Serel.

A cabina era revestida de vidro inteligente, que refletia a sua máscara de todos os ângulos, cada reflexo com um contraste mais acentuado pela luz branca e cirúrgica. Não era o rosto de um homem, mas o emblema de um sistema que, há cinco gerações, trabalhava para impedir que a cidade se devorasse a si própria.

O vidro registou os seus dados biométricos e imobilizou-se com um suspiro. O elevador abriu-se, revelando uma segunda porta. Inseriu a chave na fechadura, rodou-a e empurrou-a. Pela primeira vez, os aposentos para lá da porta ofereceram-lhe o que ele precisava: *silêncio*.

O seu apartamento era o maior da Torre Serel, à exceção da *penthouse* onde os seus pais residiam, e que ocupava os três andares superiores, mas ele sentia-o a encolher-se sobre si mesmo. Qualquer pessoa seria afortunada por tê-lo, e ele sabia disso. Os habitantes da Fronteira, e até mesmo os do Cardinal, matariam para passar somente uma hora no luxo que aquele lugar proporcionava; cometeriam crimes indescritíveis apenas pela oportunidade de tomar banho ali e desfrutar das comodidades, como se fosse o paraíso. No entanto, para Greyson, parecia uma prisão.

A execução assombrava-o, ecoando-lhe nos ouvidos como uma provocação fantasmagórica. O som fraco do primeiro tiro, a forma desesperada como ela gritava por misericórdia, a forma como ele hesitou, a forma como ela *implorou*.

A punição chegaria em breve; a ira do seu pai estaria à espera para o receber. «Misericórdia é fraqueza, Grey. E a fraqueza é o fim de todas as coisas.» A lição voltou, agora mais do que um sussurro, mais do que

um arranhar nas margens da sua memória. Quase conseguia saborear as consequências, senti-las a aguçar o ar como vidro partido.

Trancou a porta atrás de si, permitindo-se um pequeno gesto de exaustão, uma rebelião silenciosa contra o resto do mundo, enquanto soltava um suspiro pesado e encostava a nuca à porta fria. As suas mãos retiraram lentamente as luvas dos dedos, colocando-as na mesa da entrada ao seu lado, antes de remover a máscara do rosto. Colocou-a no suporte e ficou a olhar para ela.

O fardo do privilégio.

Há cinco gerações, não passavam de símbolos, adornos de rituais usados apenas durante as cerimónias de Voto. À medida que o tempo avançava e New Found Haven se tornava mais estratificada, começaram a ser usados como ferramentas de opressão e controlo social. Costumes e leis elaborados foram criados em torno do uso de máscaras, tornando ilegal que os anéis inferiores olhassem para qualquer rosto desmascarado da elite.

Agora, nem mesmo aos membros da elite era permitido ver o que se escondia por trás das máscaras dos outros. Olhar para o rosto de outro membro da elite era considerado uma violação grave da lei de New Found Haven, à exceção daqueles a quem se tinha jurado lealdade através de uma cerimónia.

Só quando um membro da elite era considerado culpado de um crime é que era desmascarado numa transmissão ao vivo antes da sua execução.

Greyson desviou o olhar da máscara e rangeu os dentes, reprimindo a raiva que isso lhe despertava. *Como se pudessem oprimir ainda mais os cidadãos desta cidade!* O seu pai só se importava com o poder e em ser o seu detentor. Não se importava que as pessoas sob a sua tutela, fora do Coração, morressem à fome todos os dias.

Para o Presidente Serel, deixar morrer aqueles que não eram suficientemente fortes para sobreviver era um ato de Deus. Greyson sabia, no entanto, que o seu pai não duraria um único dia na Fronteira.

Tirou as luvas da mesa da entrada e dirigiu-se para o quarto, desabotoando o casaco enquanto caminhava. Pendurou o uniforme num cabide e guardou as luvas numa gaveta, com uma precisão compulsiva.

Dirigiu-se ao fundo do grande *closet*, onde o chão de madeira polida encontrava o rodapé, e ajoelhou-se. O painel do chão abriu-se com o seu toque, revelando um compartimento profundo forrado com material isolante e uma rede antideteção.

Enfiou a mão, tirou um grande saco de viagem e colocou-o ao seu lado, enquanto recolocava o painel de madeira no lugar e se encostava à parede. Os seus dedos envolveram a pega do saco, puxando-a para si enquanto o abria. O conteúdo espalhou-se pelo chão à sua frente, e Greyson começou a inventariar o material para a próxima entrega programada.

Contou quinze frascos de antibióticos, cinco de narcóticos, dez ampolas de inibidor enzimático para crianças, mil créditos em vales-refeição e rolos de fita adesiva para ligaduras. Dividiu os itens em partes iguais, arrumando-os bem apertados em cinco bolsas acolchoadas pretas separadas. Verificou os fechos e colocou-as no compartimento inferior do saco.

Ficou ali sentado no chão, na penumbra, durante um bom tempo, a mente a refazer os planos.

Quando o Coração dormisse e a segurança estivesse no seu ponto mais fraco, iria aos níveis de manutenção, entraria às escondidas nas garagens e amarraria os objetos na parte inferior dos veículos de patrulha Veyra. Os veículos eram pesados à entrada e à saída de cada um dos três anéis, por isso, teria de ser algo leve. Leve o suficiente para que os guardas nos postos de controlo não detetassem a perda de alguns gramas entre os anéis.

Primeiro, iriam parar nas instalações industriais do anel Cardinal, e fariam as suas rondas para garantir que todos os produtos químicos fluíam a jusante em direção à Fronteira. Enquanto as rondas estivessem a decorrer, os rebeldes no Cardinal iriam recolher os dois primeiros pacotes.

Em seguida, iriam para a Fronteira.

Os Veyras não deixavam os seus veículos ali, pois era demasiado perigoso, mesmo para a milícia. Os Daggermouths dominavam a Fronteira, e não viam com bons olhos a entrada dos Veyras no seu território.

Greyson estremeceu com o pensamento, cerrando os punhos até os nós dos dedos ficarem brancos. Odiava os Daggermouths com todas as

suas forças. Eram homicidas, assassinos contratados que só respondiam perante um homem.

Jaeger Nolin.

Eram a razão pela qual o seu irmão estava morto.

Os Daggermouths eram mercenários implacáveis, sedentos de sangue e, para Greyson, Jaeger não era melhor do que o seu pai. Viu uma oportunidade de arrebatar o poder e aproveitou-a, sem se importar com quem pudesse destruir.

Greyson respirou fundo para se acalmar e conter a fúria que se inflamava com demasiada facilidade nos últimos tempos, reorientando os seus pensamentos.

A Fronteira… Os Veyras.

Se saíssem dos veículos, levariam um tiro entre os olhos mais depressa do que demorariam a respirar. As patrulhas eram intensas, mas previsíveis, o que os tornava alvos fáceis.

Os rebeldes da Fronteira usavam o sistema de esgotos. Esperavam que os veículos de patrulha parassem sobre os esgotos e saíam furtivamente das condutas para recolher os pacotes. Até então, tinha funcionado sempre sem falhar e, de todas as vezes, Greyson só conseguia descansar quando os Veyras comunicavam que as patrulhas tinham terminado sem incidentes.

Recitou os números na sua cabeça. Dezasseis minutos entre ciclos de patrulha, tempo suficiente para chegar aos níveis de manutenção, desde que não fosse detido pelo caminho. Cinco minutos para chegar aos veículos de patrulha, dois minutos para prender os pacotes e sair antes da próxima patrulha passar. Repetiu o plano da mesma forma que outros homens repetiriam uma oração.

Devia sentir-se heroico, mas não se sentia. Parecia rotina. Parecia o ato desesperado de um homem incapaz de conciliar os crimes que tinha cometido contra as mesmas pessoas que tentava ajudar.

A única razão pela qual Greyson não se revoltava contra as máscaras era o seu envolvimento com a resistência. Elas mantinham-no seguro, invisível e anónimo. O pensamento fez com que a culpa lhe revirasse o estômago. O anonimato era um privilégio que os outros rebeldes não

tinham, um privilégio que só lhe era concedido porque, à luz do dia, ele defendia as mesmas leis que os oprimiam.

Tinha acabado de abrir o painel para guardar o saco de viagem no seu esconderijo, quando se ouviu uma batida na porta da frente. Alta e afiada, destinada a ser ouvida.

Greyson ficou paralisado.

Não havia nada de manifestamente comprometedor à vista, mas ele estava sempre ciente da possibilidade de auditorias surpresa e de revistas aleatórias realizadas por agentes Veyras. Enfiou o saco por baixo da tábua do soalho e passou a mão pelo rosto enquanto se levantava.

A segunda batida foi mais suave, mais educada.

Atravessou a sala sem máscara e espreitou pelo olho mágico. Um agente Veyra esperava do lado de fora, no pequeno espaço entre a porta da frente e o elevador. O agente parecia relaxado, o que fez com que os músculos das costas de Greyson se distendessem apenas ligeiramente.

Greyson tirou a máscara do suporte, colocou-a no rosto e abriu a porta. O agente fez continência e falou com o tom seco de um subordinado treinado para nunca cruzar o seu olhar.

— Senhor, o Presidente solicita a sua presença imediatamente.

Greyson assentiu, ignorando o súbito aumento de adrenalina nas veias.

— Por favor, diga ao meu pai que estarei lá daqui a dez minutos. Ele estará no gabinete da sua residência ou nos escritórios da Torre Haven?

— Muito bem, senhor. Ele está no gabinete da sua residência — indicou o oficial, entrando no elevador sem se virar.

Greyson fechou a porta e respirou de forma lenta e controlada. Era melhor acabar com isto agora, do que passar dias a fio a perguntar-se quando é que o punho de ferro cairia. Olhou para o espelho pendurado por cima da mesa de entrada e verificou a sua aparência. Nada dele existia no exterior; não podia haver vestígios de individualidade. Afastou os fios de cabelo carvão-escuro, alisando-os no lugar, e saiu a passos largos pela porta.

O gabinete privado do Presidente Serel era uma relíquia arquitetónica, inalterado desde os primeiros dias de New Found Haven. Não havia mobiliário rigidamente austero nem luzes brancas ofuscantes. O espaço estava repleto de poltronas de couro escuro e retratos dourados nas paredes. As lâmpadas projetavam uma luz fraca e amarelada, fazendo com que as janelas no fundo parecessem espelhos escuros. Não havia câmaras nesta sala. Nem drones. Apenas a sensação persistente de que cada centímetro tinha sido medido e aprovado.

Greyson entrou com passos silenciosos e parou logo após o limiar. As portas fecharam-se atrás dele com um suspiro pneumático.

Maximus Serel estava sentado atrás de uma enorme secretária de nogueira polida, cuja superfície estava repleta de livros de registos, impressões e um *tablet* a piscar com mensagens por ler. Não usava a máscara dourada, que estava colocada de lado, em cima de uma pequena pilha de correspondência.

Quando estavam sozinhos, quando era apenas o Presidente e a sua família, ele não seguia as leis que impunha com crueldade aos seus cidadãos. O seu rosto estava marcado por rugas, mas não se curvava, e os olhos escuros perfuravam tudo aquilo em que se fixavam.

Maximus não tinha chegado ao poder apenas pela intimidação. Ele inspirava, dissecava e, em última análise, consumia aqueles que se lhe opunham.

— Pai — saudou Greyson, inclinando o queixo enquanto cruzava as mãos atrás das costas.

Maximus apontou para a cadeira diante da secretária e Greyson dirigiu-se para ela com cuidado, sentando-se de seguida com os braços cruzados sobre o peito.

O silêncio prolongou-se, quebrado apenas pelo zumbido distante da cidade lá em baixo.

— Levaste a cabo as execuções — disse Maximus por fim. Não era uma pergunta.

Greyson assentiu.

— O protocolo foi seguido. Não houve complicações.

O pai entrelaçou os dedos, com o olhar fixo num ponto logo à esquerda da testa de Greyson.

— E as transmissões? Observaste o seu efeito?

— Sim, senhor. A multidão reagiu conforme o previsto.

— Ótimo. — Os lábios de Maximus tremeram num sorriso imperceptível. — Há quem questione a necessidade da punição pública. Espero que não estejas entre eles.

Greyson fez uma pausa, apenas o tempo suficiente para a pergunta ser assimilada.

— Não, pai — mentiu Greyson.

O sorriso de Maximus desvaneceu-se.

— Então, explica-me por que razão, no instante antes do segundo tiro, hesitaste.

Greyson sentiu o ar ficar pesado, mas manteve a voz firme.

— A mulher estava desafiante. Eu queria ter a certeza de que a mensagem fosse clara, mas o Capitão Mikel disparou antes que eu pudesse apertar o gatilho.

— Hum. — O seu pai recostou-se na cadeira de couro, que rangeu sob o seu peso. — Não estás aqui para tornar as mensagens claras. Estás aqui para as tornar absolutas. O medo é um solvente, Greyson: dissolve a dúvida, a resistência, o próprio conceito de alternativa. Mas apenas se for administrado puro. Se o diluíres, mesmo que seja um pouco, a cidade aprenderá a adaptar-se.

Maximus inclinou-se para a frente, com os cotovelos apoiados na secretária.

— Construí isto… — um pequeno gesto com a mão abrangeu o seu gabinete, a cidade e o mundo lá fora — …não por ser amado, mas por ser inevitável. Compreendes o que isso significa?

Greyson olhou para o pai e para a forma como a idade no seu rosto parecia apenas mais uma arma, mais um efeito calculado.

— Sim, senhor. Compreendo.

Maximus estudou-o por um longo momento, perscrutando os olhos azuis que o fitavam por baixo da máscara de ónix.

— Hoje, hesitaste no cumprimento do teu dever. Não muito, mas o suficiente.

Pegou num relatório da secretária, deixou o olhar percorrer o documento e, depois, bateu-lhe levemente no canto.

— Há rumores. Alguns oficiais Veyras questionam as tuas prioridades. Há quem diga que estás… *distraído*. — Pousou o papel sobre a secretária. — A distração é uma forma de deslealdade.

Greyson sentiu a raiva a crescer dentro de si, mas manteve a expressão impassível. Era nestes momentos que se sentia grato por nunca ter tirado a máscara na presença do pai.

— Já tens trinta e três anos, filho. Está na hora de começares a levar as tuas responsabilidades a sério. A tua mãe arranjou-te uma noiva, a Moraine, filha da família Daunt. A tua cerimónia de Voto será daqui a cinco dias.

Lá estava ela, *a punição.*

Greyson só a tinha visto uma vez, e ela era tão leal ao Coração como o próprio Presidente. Se Maximus queria eliminar qualquer dúvida sobre a lealdade do filho, não havia combinação melhor do que esta.

Greyson preferia ter levado uma tareia.

— Pai, eu não posso… — Greyson começou a protestar, mas foi silenciado por um olhar tão penetrante que parecia capaz de matar. Acenou com a cabeça, relutante. — Entendido.

Maximus inclinou o queixo, satisfeito. Pegou na máscara dourada, girou-a nas mãos e, em seguida, encarou o filho.

— Não há espaço para hesitações nesta família, Greyson. Nem nesta cidade. Se duvidas de ti próprio, já estás perdido. Se duvidas de mim…

Não terminou a frase. Não precisava.

Greyson levantou-se, inclinando a cabeça.

— Vou começar os preparativos para a cerimónia.

Maximus dispensou-o com um aceno.

Greyson saiu da sala com os mesmos passos silenciosos, mas desta vez o frio no estômago irradiava para fora, espalhando-se pelo peito, pelas mãos e pela respiração. O eco da advertência do pai percorreu-lhe o corpo, constante como a eletricidade que zumbia no Coração.

Não há espaço para hesitações.

CAPÍTULO DOIS
A fronteira

Shadera Kael entrou no Wolf's Head, como uma bala a penetrar num osso. O letreiro de néon e o motivo da caveira sobre a porta projetavam uma névoa vermelha e violeta, espalhando cor por uma sala repleta de mercenários Daggermouths, prontos para matar por muito menos do que a porção de um dia inteiro.

Shadera pestanejou diante da luz ofuscante, deixou a visão habituar-se às sombras e examinou a multidão, como um talhante inspecionaria a próxima carcaça: de forma eficiente e sem sentimentalismos, já ansioso pelo corte.

Não era o pior antro da Fronteira, nem de longe, mas cheirava a ferro, a suor velho e ao aroma doce e sintético do anticongelante. As paredes de betão liso estavam marcadas por grafites e cicatrizes, com cartazes de revoltas falhadas e de rebeldes desaparecidos por cima de mesas lascadas.

O evento principal desta noite, como todas as noites, era o consumo lento de desespero químico, servido a copo, numa dúzia de marcas do veneno preferido de Shadera.

Álcool.

Os clientes habituais acompanharam a sua aproximação. Alguns acenaram com a cabeça, outros desviaram o olhar, e um punhado preparou-se para a violência. A notícia do seu regresso antecedeu-a, um espasmo nervoso a percorrer as fileiras dos Daggermouths. Ela tinha, literalmente, partido ao meio a sua última missão: um informador do Cardinal. A equipa de limpeza ainda estava a raspar pedaços dele dos esgotos pluviais.

Passou pela mesa de bilhar danificada, onde dois adolescentes escanzelados jogavam por créditos: um com o braço engessado, e o outro com um olho roxo e inchado. Shadera passou pelo balcão em semicírculo, retribuindo o sorriso do velho *barman*, e dirigiu-se para a parede do fundo, onde a verdadeira autoridade se escondia.

Jaeger Nolin, *o Lobo*.

Mestre da guilda Daggermouth.

Estava sentado sozinho numa mesa de canto, sob uma auréola de luz LED barata de um rosa-pálido, com a mão esquerda em torno de um copo lascado e a direita a segurar uma moeda sem brilho, que atirava para o ar e apanhava com um ritmo impossível. Mesmo na sombra, os seus olhos acompanhavam tudo: a sua equipa, as portas, os ângulos de aproximação.

A maioria pensava que não havia calor nele, nem para os seus mercenários, nem para ninguém. Mas Shadera sabia que não era assim. Ela tinha-lhe visto o coração, a forma como ele cuidava da Fronteira e do seu povo, como tirava órfãos da rua e cuidava deles.

Ela tinha sido uma dessas órfãs.

Parou à sua frente, e ele esboçou um sorriso ténue.

— Kael. — A sua voz era áspera, mas nunca elevada, um murmúrio grave de predador. — Senta-te. Estás com um ar miserável.

Ela deslizou para a cadeira à sua frente, o blusão de couro a ranger enquanto levantava uma sobrancelha bem definida.

— Dizes sempre isso. Estou a começar a ficar ofendida.

Ele grunhiu, acenando para o *barman*, que apareceu e colocou quatro *shots* transparentes na mesa à frente de Shadera, antes de desaparecer de volta na multidão.

— Ouvi dizer que terminaste o contrato do Dunmore mais cedo. Bom trabalho.

— O tipo merecia. Pensava mesmo que ninguém ia descobrir que estava a ajudar a merda do Coração. — Shadera inspecionou as unhas, salpicadas de tinta preta e sangue seco. — Tens outro?

Jaeger enfiou a mão no casaco. O movimento foi casual e deliberado, sem qualquer ameaça implícita, mas todos os Daggermouths na sala se retesaram, exceto ela. Em vez disso, pegou nos copos de *shot* à sua

frente e bebeu o conteúdo sem pestanejar, um após o outro. Deixou cair o último copo na mesa e tombou-o de lado. Um sinal de que estava pronta para mais uma rodada.

A mão dele regressou com um envelope grosso, selado com lacre e adornado com a insígnia carmesim do Coração. Deslizou-o pela mesa desgastada sem nunca quebrar o contacto visual.

Ela quebrou o selo.

O interior estava forrado com uma malha fina e resistente à digitalização, uma precaução extra tomada apenas por compradores residentes no Coração, para garantir que o contrato passasse pelos postos de controlo entre os anéis. Deixou o envelope abrir-se e começou a ler.

Os olhos de Shadera arregalaram-se, passando rapidamente do contrato para Jaeger e de volta para o primeiro.

— Isto é uma piada de mau gosto? Tem de ser uma armadilha.

Jaeger sorriu do outro lado da mesa.

— Fui eu próprio que o verifiquei. Garanto-te que este contrato é dos mais verdadeiros que existem.

Ela soltou um resmungo trocista.

— Diz aqui que o alvo é o Greyson Serel. *O* Greyson Serel. Isto vai desencadear uma guerra.

Jaeger encolheu os ombros, deu um gole na sua bebida, e Shadera voltou a olhar para o contrato.

— Qual é o preço? — perguntou.

— O suficiente para pagar todo este antro num futuro próximo e alimentar todas as famílias nos campos da Fronteira durante um ano. — Shadera engasgou-se com o arquejo que lhe escapou dos pulmões quando Jaeger atirou a moeda ao ar, a deixou girar na mesa até abrandar e, depois, a apanhou novamente. — Estás disposta a isso?

— Foda-se, claro que estou — disse, passando os olhos pelo contrato, já a memorizar a informação fornecida. — Queres a máscara ou o cadáver?

Jaeger inclinou-se para a frente, e a mesa rangeu sob o seu peso. A sua garganta, marcada por queimaduras, contraiu-se enquanto engolia o resto da bebida.

— A máscara. É demasiado perigoso tentar introduzir aquele cadáver na Fronteira.

Na mesa ao lado, um Daggermouth corpulento sorriu, mostrando dentes com coroas de ouro.

— Se falhares, Shade, fico com o trabalho. Aposto que consigo chegar primeiro ao pequeno herdeiro. — Recostou-se, com a bota apoiada no banco. — Até divido o pagamento contigo, se tiveres sorte.

Shadera nem sequer se deu ao trabalho de responder. Limitou-se a enfiar a mão na manga, passou o polegar pela lâmina e atirou-a através do espaço entre as mesas. A faca cravou-se no ombro do Daggermouth, que foi projetado contra a parede atrás de si. O sangue jorrou rápido e escuro, manchando a madeira por baixo dele.

A sala mergulhou no silêncio.

Ela levantou-se, atravessou a curta distância que os separava e pressionou uma bota contra a coxa dele, enquanto os dedos envolviam a lâmina e a torciam. Ele uivou de dor e tentou levantar uma mão, mas ela afastou-a com um estalo.

— Mais alguém quer tirar-me este trabalho das mãos? — perguntou ela, olhando à volta do bar. — Falem agora ou calem a porra da boca.

Ninguém respondeu.

O mercenário de dentes de ouro lançou-lhe um olhar furioso, retirou a lâmina com um grunhido e um jato de sangue e, depois, recostou-se, segurando o ombro ferido. Shadera arrancou-lhe a faca da mão, enquanto o *barman* colocava mais quatro *shots* na mesa. Limpou a lâmina à manga da camisa antes de a guardar descontraidamente.

Jaeger recostou-se, os olhos a brilhar com um divertimento sem alegria.

— Nunca mudes, Kael.

Ela engoliu os dois primeiros *shots*. A bebida tinha um sabor a plástico derretido e cascas de fruta velha, mas a ardência estabilizou-lhe as mãos. Bebeu o terceiro devagar, saboreando a forma como lhe queimava a parte de trás da garganta.

— Mais alguma coisa? — perguntou Shadera, bebendo o último.

— Sim. — O olhar de Jaeger era agora totalmente severo. — Se falhares, ficaremos todos numa posição bastante delicada.

— Nada de novo nisso — disse ela. — Há alguma coisa que eu deva saber sobre o precioso herdeirozinho do Coração?

O riso de Jaeger foi um grunhido grave e único.

— Ele não é pequeno. E não é um idiota. É tão calculista e implacável como o pai. Pode ter crescido no luxo do Coração, mas de certeza que não luta como tal. — Jaeger estalou o maxilar. — Não o subestimes, Kael.

O *barman* apareceu, recolheu os copos vazios e colocou uma nova rodada à frente de Shadera, que pegou num copo, olhou para os homens e mulheres à sua volta e, em seguida, bebeu o resto.

— Quando é que chega a próxima remessa do Coração à Fronteira? Preciso de mais antibióticos — perguntou, baixando a voz.

— Será esta semana. Os rebeldes vão intercetá-la novamente, mas ainda não sabemos a data exata.

Jaeger enfiou a moeda no bolso.

Shadera deslizou da cadeira e levantou-se.

— Se souberes antes de mim, manda alguém. Estarei no sítio do costume.

Jaeger acenou com a cabeça, já com os olhos voltados para o próximo problema.

— Não morras, Shade. Não resta ninguém que te possa substituir.

Shadera sorriu.

— Eu sei.

Saiu do bar pelas traseiras, entrou no beco onde a chuva sibilava contra o néon quente e permitiu-se pensar, só por um segundo, na emoção daquilo. Caçar Greyson Serel, o cabrão de ouro da cidade.

O pensamento era mais saboroso do que qualquer bebida.

Como a maioria, ela odiava o Coração. Odiava a forma como este observava, julgava e decidia quem era importante e quem seria esmagado sob as suas botas. Odiava os Veyras, as máscaras. Odiava a forma como o Coração fingia que o anel Cardinal era menos uma prisão do que este antro de merda.

Mas, acima de tudo, odiava o Presidente Serel e toda a sua maldita família.

A raiva que fervilhava dentro dela só de pensar naquele nome queimava-lhe a alma. Fora o nome daquela família, o seu legado, que criara a opressão em New Found Haven, que criara os anéis e proibira até a mais básica das emoções humanas. Aquela família era a culpada por todo o sofrimento nesta cidade abandonada por Deus.

Para Shadera, seria uma honra matar Greyson Serel.

Seria um prazer tirar uma vida às mesmas pessoas que lhe tinham tirado tantas. Greyson merecia pagar pelos seus crimes como Carrasco, mas a sua família era o martelo, e pessoas como ela eram sempre os pregos.

Shadera manteve-se nos becos, as artérias negras da Fronteira onde nem mesmo a chuva conseguia lavar. Nada permanecia limpo por muito tempo. A água da sarjeta espumava sob os seus pés, arrastando consigo os nomes de marcas extintas e de produtos há muito esquecidos, que entupiam todos os esgotos. O cheiro químico impregnava-se no seu cabelo, nas suas botas, na pele exposta do seu pescoço. Todos os seus sentidos estavam atentos à próxima ameaça, ao próximo movimento por trás de uma janela partida ou a um sussurro vindo de um cano.

A caminhada do Wolf's Head até à sua casa era de três quarteirões, mas se se fizesse o desvio para despistar um perseguidor, demorava o dobro do tempo. Shadera fazia sempre o desvio, movendo-se com a paciência e a paranoia de uma assassina.

As pessoas viam-na passar, mas não a incomodavam. Na Fronteira, aprendia-se cedo: manter o rosto impassível, as mãos visíveis e as intenções escondidas. A reputação de Shadera garantia-lhe tranquilidade, mas nunca segurança. Havia sempre alguém mais novo, mais ambicioso ou mais burro no bairro.

Avistou um miúdo a vaguear na esquina, com cerca de dez anos, talvez mais novo. Estava descalço e tinha as mãos enfiadas nas mangas de um casaco cinco tamanhos acima do seu. Olhou para ela, depois para o beco atrás dela e desapareceu num espaço estreito como um rato. Shadera percebeu o que se passava: um informador ou um vigia de um microgangue. Os predadores destas bandas devoravam as próprias crias. A maioria não passava dos vinte anos nestas ruas.

Alguns quarteirões adiante, ela abrandou o passo à medida que o barulho da cidade diminuía, um silêncio que significava sempre

problemas. Dois homens, de costas para ela, estavam agachados junto a uma fogueira e falavam em voz baixa. Avistou o contorno de uma faca na mão de um deles e o brilho de uma arma barata presa à anca do outro. Aspirantes a Daggermouths, a julgar pelos emblemas que ostentavam. Passou por eles sem alterar o passo, projetando a ameaça tácita de que a única coisa que receberiam se se metessem com ela seria uma cova rasa.

Os homens afastaram-se de Shadera quando esta passou e se esgueirou por um beco estreito. Esticou-se, puxando para baixo uma escada de incêndio enferrujada, e observou-a a descer à sua frente. Subiu para o metal oscilante, chegou ao topo do armazém abandonado e puxou a escada para cima, trancando-a no lugar.

Shadera parou para examinar o horizonte e inspirou profundamente.

A linha do horizonte era irregular, com dentes de betão e vidro a erguerem-se acima do fumo. Ao longe, as torres gémeas do Coração brilhavam, intensas e brancas, como uma estrela fixa sobre um planeta morto. Rangeu os dentes enquanto as fitava.

Lembrou-se da noite em que vieram buscar os seus pais. Recordou a transmissão em direto, os gritos, a forma como o corpo da sua mãe caiu na plataforma e não se levantou. Lembrou-se da sensação de segurar a faca depois disso. De como era fácil cortar as partes moles da garganta de um homem, desde que mantivesse a mão firme.

Chamaram-lhe monstro pelo que fez àquele primeiro Veyra, mas isso não lhe importava. Os monstros eram os únicos que sobreviviam nesta cidade.

Desviou o olhar da linha do horizonte, deixando as memórias arderem no fundo da sua mente. A porta de serviço do armazém ficava por baixo de um letreiro de metal amassado, que ela própria tinha fixado no betão.

Reciclagem Kael. Deixou o olhar deslizar sobre o letreiro. Era a única prova física que restava em New Found Haven de que os seus pais alguma vez tinham existido.

Para o Coração, já não existia. Para o Coração, ela morrera na noite do ataque.

Shadera introduziu o código na fechadura, ouvindo o ruído dos mecanismos por trás da porta, antes desta se abrir. O cheiro a óleo e metal quente trazia-lhe conforto, era uma dor íntima que apenas ela sentia.

Atravessou a porta, fechando-a atrás de si, e esperou até ouvir o clique da última fechadura antes de se afastar. O seu refúgio era maior do que aparentava do exterior: um armazém esquecido, outrora pertencente a uma empresa de logística e agora repleto das suas próprias melhorias personalizadas. Lâmpadas de vários tipos projetavam poças de luz amarela sobre o betão, iluminando as paredes cobertas de plantas do Coração, sobreposições topográficas e fotografias da polícia. No centro de tudo estava a própria extensão do Coração, mapeada com fita vermelha e preta, cada rotação de guardas, cada posto de controlo, cada passagem secreta de manutenção anotada com obsessão.

Espalhados pelos gráficos, havia rostos mascarados e sem máscara, retirados de *feeds* do mercado negro ou capturados pela sua própria mão. As máscaras da família Serel dominavam a parede: o Presidente, a sua esposa, a filha e os dois filhos. Cada rosto daquela família estava perfurado por uma faca, um dardo, um pedaço afiado de uma vara de aço e, no caso do filho mais velho, um X vermelho e grosso.

Brooker Serel tinha sido assassinado. Ninguém nos anéis exteriores sabia como nem porquê, mas num dia aparecera no ecrã a realizar execuções ao vivo e, no dia seguinte, estava a ser transmitido o seu funeral. Não demorou muito até Greyson assumir o lugar do irmão como o Carrasco do Coração, o que não surpreendeu Shadera. Ela sabia o quanto a família Serel se deleitava com o derramamento de sangue inocente.

Os seus lábios curvaram-se num sorriso cruel enquanto fitava a parede e atirava outra adaga na direção da fotografia de Greyson mascarado. Em breve, os dois filhos de Maximus Serel estariam mortos, e ele não teria nenhum herdeiro masculino para governar o seu pequeno reino envenenado quando Shadera o matasse a seguir.

Dirigiu-se à parede, traçou o percurso desde os túneis de serviço do Cardinal até à base do Coração, e marcou no mapa um novo ponto de acesso que explorara meses antes. Se os horários das patrulhas se mantivessem, os túneis estariam desertos entre a meia-noite e as três

da manhã. Tempo mais do que suficiente para entrar sem ser detetada. Assim que conseguisse entrar no Coração, subiria pelo poço do elevador a partir dos túneis de manutenção e dirigir-se-ia depois para a torre da residência dos Serels. Era uma missão suicida para qualquer outra pessoa. Para ela, era o único tipo de trabalho que aceitava.

Um suspiro pesado escapou dos lábios de Shadera quando os seus braços tatuados deslizaram para fora do casaco, a tinta metálica preta a brilhar contra a sua pele castanha. Tirou o casaco de cabedal e pendurou-o na cadeira de metal que se encontrava em frente à secretária encostada à parede.

Os seus olhos desceram até à pele, enquanto os dedos deslizavam pelas saliências de uma cicatriz recente no antebraço. Tinha muitas cicatrizes novas, mas esta tinha-a ganhado ao roubar um *scanner* de pacotes a um agente Veyra. O trabalho tinha sido bastante fácil, mas não esperava que ele fosse tão rápido com a lâmina. No final, conseguiu o que precisava, e o corpo dele estava a decompor-se lentamente debaixo de resíduos químicos no Cardinal.

Em seguida, dirigiu-se ao conjunto de seis cacifos no canto do amplo espaço, enquanto retirava o coldre da cintura e das coxas. Nunca saía de casa sem as suas duas armas favoritas presas ao corpo. Uma CZ 75 e uma Sig P320. Ambas tinham sido usadas para tentar matá-la e ambas tinham sido usadas por Shadera para matar os seus anteriores donos. Havia uma espécie de bela poesia nisso, pensou.

Os seus dedos envolveram a extremidade do primeiro cacifo, que abriu, colocando as duas armas na primeira prateleira e pendurando o coldre num gancho. Enfiou a mão no cacifo, soltou o forro, revelando um compartimento oculto, e um sorriso espalhou-se-lhe pelos lábios. O seu punho fechou-se à volta da pega de uma mala fina preta. Retirou-a, caminhou até à secretária e colocou-a sobre a superfície, antes de a abrir.

No interior, aninhada em espuma preta, encontrava-se a mais recente adição ao seu arsenal. Uma pistola de nove milímetros fornecida pela Veyra, com a insígnia do Coração gravada ao longo do cano. Shadera esperara pelo momento em que pudesse usar esta arma. Esperara por um contrato que fizesse parecer um trabalho interno. A beleza de

Greyson ser aquele que receberia a bala, depois de ter disparado essas mesmas balas contra centenas de pessoas da Fronteira, era um tipo especial de carma.

Obrigá-lo-ia a ajoelhar-se, pensou para si mesma, enquanto começava a desmontá-la e a limpá-la. Dir-lhe-ia as mesmas palavras habituais que ele repetira centenas de vezes antes de assassinar homens e mulheres inocentes.

O pai de Greyson tinha usado exatamente a mesma marca de arma quando matou os pais dela, quando tinha apenas dez anos. E, nos vinte anos desde aquele dia, ela esperara pelo seu momento para lhe tirar algo em troca.